

## 5. Referências Bibliográficas

### Arquivos e Bibliotecas Consultados

Acervo Escritores Mineiro (UFMG) – Coleção Família Ávila  
 Biblioteca Florestan Fernandes – Coleção Antonio Candido (FFLCH-USP)  
 Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital (consulta online)  
 Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri (PUC-SP)  
 Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli (Fale-UFMG) – Suplemento Literário de Minas Gerais (consulta online)  
 Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (consulta online)  
 Casa das Rosas, Centro de Referência Haroldo de Campos – Acervo Bibliográfico

### Fontes

- ÁVILA, Affonso. *Carta do solo*. Belo Horizonte, Tendência, 1961.
- \_\_\_\_\_. “Carta sobre la usura”, trad. Ángel Crespo, *Revista de Cultura Brasileira* 2, septiembre, 1962, p.1-7.
- \_\_\_\_\_. *Resíduos Seiscentistas em Minas Gerais: Textos do Século do Ouro e as Projeções do Mundo Barroco*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967. Vol. I e II.
- \_\_\_\_\_. *O poeta e a consciência crítica*. Petrópolis: Editora Vozes. Coleção Nosso Tempo 7, 1969a
- \_\_\_\_\_. *Código de Minas & poesia anterior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969b.
- \_\_\_\_\_. *O Lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Debates 35, 1971. (3ª ed. ampliada, atualizada e desdobrada em dois livros em 1994) edições utilizadas: Vol. I *Uma linguagem a dos cortes, uma consciência a dos lucos*. 3ª ed., 1ª reimpressão, 2012 e Vol. II *Áurea idade da áurea terra*. 3ª ed. 1994.
- \_\_\_\_\_. *Código Nacional de Trânsito*. Belo Horizonte: Edições 1300, 1972. (capa de Myriam Ávila)
- \_\_\_\_\_. *Cantaria Barroca*. Rio de Janeiro. Belo Horizonte, 1975. (Edição para assinantes. Programação gráfica de Sebastião Nunes, fotos de

Maurício Andrés e capa reproduzindo trabalho do pedreiro Vado Ribeiro no adro da Capela do Morro de Sant'Anna, em Ouro Preto)

\_\_\_\_\_. *O Modernismo* (coordenação e organização). São Paulo: Editora Perspectiva (Coleção stylus 1), 1975. (edição utilizada: 3ª ed. , 1 reimp. 2013)

\_\_\_\_\_. *Discurso da difamação do poeta*. Antologia. São Paulo: Summus Editorial. Coleção Poética 1, 1978.

\_\_\_\_\_. *Iniciação ao Barroco Mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.

\_\_\_\_\_. "Festa Barroca: Ideologia e Estrutura." In: Ana Pizarro (org). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Fundação memorial da América Latina, 1993. Vol I.

\_\_\_\_\_. *Barroco Mineiro/Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

\_\_\_\_\_. *Minor: Livro de Louvores*. Belo Horizonte: Rona Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Barroco: Teoria e Análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (Coleção stylus 10), 1997.

\_\_\_\_\_. *Catas de Aluvião: do Pensar e do Ser em Minas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *Circularidade da Ilusão e Outros Textos*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Homem ao Termo: Poesia Reunida 1949-2005*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Poeta e a Consciência Crítica*. 3ª ed. (rev. e ampl.). São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Poeta Poente*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

### **Revistas, Cadernos de Imprensa, Anais de Congressos e reunião de textos**

*30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*. 1963/93, Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

*Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*, Assis (24-30 de julho de 1961), FFCL, 1963.

*Barroco*, Belo Horizonte, UFMG, 1969-2013.

*Correio da Manhã, 1º Caderno*, Rio de Janeiro, 1960-1969.

*Correio Braziliense*, Brasília, 1965.

- Diário de Minas. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 1953.
- Estado de Minas. Suplemento Dominical*, Belo Horizonte, 1963-1964.
- Folha de Minas. Diário*, Belo Horizonte, 1960-1961.
- FORTUNA crítica de Affonso Ávila*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2006.
- Revista Tendência*. Belo Horizonte, 1957-1962.
- Suplemento Literário O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1956-1967.
- Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1966-2006.
- Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, 1950-1969.
- Vocação Revista de Novos*, Belo Horizonte, 1951.

### Referências bibliográficas

- ALCIDES, Sergio. *Estes Penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a Paisagem das Minas, 1753-1773*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
- ALONSO, Dámaso. *Del Siglo de Oro a este Siglo de Siglas: Notas y Artículos a través de 350 años de Letras Españolas*. Madrid: Gredos, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Estudios y Ensayos gongorinos*. Madrid: Gredos, 1982.
- AGUIAR, Gonzalo Moisés. *Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005.
- AGUIAR, Melânia Silva. "Introdução". *Fortuna crítica de Affonso Ávila*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2006, p.13-26.
- ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassallos rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo*. São Paulo: José Olympio, 1945.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.
- Autos da devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília; Belo Horizonte: Câmara dos deputados. Governo de Estado de Minas Gerais, 1976, Volume 1.
- ÁVILA, Carlos. "Invenção" – Uma Reedição Necessária. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, [S.l.], v. 13, p. 95-101, dez. 2006.

- ÁVILA, Myriam. Revistas de Circulação Reduzida: Noigandres e Tendência. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 27, junho 2015, p. 373-381.
- BARBOSA, Francisco de Assis. (org.) *Ideias políticas de João Pinheiro*. Brasília: Senado Federal; Fundação Casa de Rui Barbosa, MEC, 1980.
- BARBOSA, Ricardo. *Limites do Belo: estudos sobre a estética de Friedrich Schiller*. Belo Horizonte: Relicário, 2015.
- BAZIN, Germain. *Barroco e Rococó*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Conceito de Crítica de Arte Romantismo Alemão*. Trad. Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História Cultural – Obras Escolhidas I*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única – Obras Escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo, *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, 2008, p.171-193.
- BUENO, Antônio Sérgio (org.). *Afonso Ávila*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, 1993.
- \_\_\_\_\_. Afonso Ávila e a geração de Tendência, *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 1º sem. 1998, pp.53-59.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da Poesia Concreta: Textos Críticos e Manifestos 1950-1960*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CAMPOS, Augusto de. Ecos do Inferno de Wall Street, *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 21 de abril de 2002. (texto incluído na 3a ed. de ReVisão de Sousândrade)
- \_\_\_\_\_. *Poesia Antipoesia & Cia.*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015
- CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet = o-que-sabe: eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O Arco-Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- \_\_\_\_\_. *A Arte no Horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Segundo Arco-Íris Branco*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, (3ª. Imp. da 4ª. ed. de 1992). São Paulo, Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o Caso Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.
- \_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: MORENO, César Fernández (org.). *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- CHIAMPI, Irleamar. *Barroco e Modernidade: Ensaio sobre Literatura Latino-Americana*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. "A História Tecida pela Imagem". In: LIMA, José Lezama. *A expressão americana*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- CÔRTEZ, Norma. *Esperança e Democracia: as Ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
- COSTA, Cláudio Manoel da. *Obras*. Coimbra: Oficina de Luiz Secco Ferreira, 1768.
- COUTINHO, Afrânio. *Do Barroco: Ensaio*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.
- CRESPO, Angel e BEDATE, Pilar Gomez. *Tendência: poesía y crítica en situación*. Belo Horizonte: Revista Tendência, 1965.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Rónai; Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp, 2013.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. revista. São Paulo: Globo, 2001.
- FAUSTO, Boris Fausto. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- GAIO, Henrique Pinheiro Costa. *Antologia e Polêmica: a Questão do Barroco na Crítica e na Historiografia Literária de Antonio Candido e Haroldo de Campos*. 2015. Tese. (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GOETHE, Johann W.; SCHILLER, Friedrich. *Correspondência*. São Paulo: Hedra, 2010.

- GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. *Palavra Peregrina: O Barroco e o Pensamento sobre as Artes e Letras no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.
- GONZAGA, Tomás Antônio, *Tratado de Direito Natural*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro 1957.
- HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Barroco, Neobarroco e outras Ruínas”. *Floema Especial* (João Adolfo Hansen) Ano II, n. 2, p. 15-84 out. 2006.
- HEGEL, Georg W. F.. *Cursos de Estética IV*. Trad. Marco Aurélio Werle; Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o Jogo como Elemento de Cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- IGLÉSIAS, Francisco. Estrutura Social do Século XVIII. In: *Anuário do Museu da Inconfidência* 9. Ouro Preto, 1993. pp. 50-57.
- JAGUARIBE, Hélio. “O ISEB e a Retomada do Desenvolvimento Nacional”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os Fundamentos do Brasil Moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- KANGUSSU, Imaculada. *Leis da Liberdade: A Relação entre Estética e Política na Obra de Herbert Marcuse*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, s/d.
- KHOURI, Omar. *Noigandres e Invenção: revistas porta-vozes da Poesia Concreta*, FACOM, n. 16, 2006, p.20-36.
- LAVELLE, Patrícia. Les forces anticipatrices de l'œuvre littéraire : sur l'espoir dans le passé. *Revue germanique internationale*. 17, 2013.
- LEZAMA LIMA, José. *A Dignidade da Poesia*. Trad. Josely Baptista. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Expressão Americana*. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- LOBO, Luiza. *Épica e modernidade em Sousândrade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

- LOPES, Helio. "Claudio Manoel da Costa, poeta das Minas Gerais", *Seminário sobre poesia mineira – período colonial*. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1984.
- \_\_\_\_\_. Hélio Lopes, Introdução ao poema "Vila Rica". Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997.
- MACHADO, Francisco Pinheiro. *Imagem e consciência da história: pensamento figurativo em Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- MARAVALL, José Antônio. *A Cultura do Barroco: Análise de uma Estrutura Histórica*. Trad. Silvana Garcia. São Paulo: EDUSP, 2009.
- MATOS, Olgária. *Os Arcanos do Inteiramente Outro: a Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Iluminismo Visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Walter Benjamin e o Zodíaco da Vida". In: SILVA JÚNIOR, Ivo da. (org.) *Filosofia e Cultura: Festschrift em Homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2011.
- MELO NETO, João Cabral de, "Da função moderna da poesia", in: Benedito Nunes (org.) João Cabral de Melo Neto (nota bibliográfica, introdução crítica, antologia, bibliografia), *Coleção Poetas Modernos do Brasil*, (coord.) Affonso Ávila, 2o ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1974, p.196-201.
- MENDES, Murilo. *Poesia Liberdade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MOURÃO, Tendência e concretismo. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, 2º sem. 2013.
- MOTTA, Leda Tenório da. *Sobre a Crítica Literária Brasileira no Último Meio Século*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NAVES, Santuza Cambraia. "Os Novos Experimentos Culturais nos Anos 1940/1950: Propostas de Democratização da Arte no Brasil". In: FERREIRA, Jorge; e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.) *O Tempo da Experiência Democrática: da Democratização de 1945 ao Golpe Civil-Militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (O Brasil republicano; v.3).
- NEVES, Joel. *Ideias Filosóficas no Barroco Mineiro*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1986.

- NUNES, Benedito. "Considerações sobre a Redução Sociológica". In: RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica* (1958) 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p.189-200.
- \_\_\_\_\_. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A clave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PAGANINI, Nilze. *Revista Tendência: à Procura de uma Tradição, à Procura do Novo*. 2008. Belo Horizonte: PUC-Minas, Tese de doutorado, 2008.
- \_\_\_\_\_. Entrevista Affonso Ávila. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, vol. 17, n. 33, 2013.
- PALÚ, Pe. Lauro. Affonso Ávila: homem trincheira. *Revista de Cultura Vozes*, Vol. LXXIII, jun.-jul., n. 5, 1973.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. (1956), 3ª ed., Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura (MEC) / Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1959.
- \_\_\_\_\_. *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1960. 2 v. (Textos Brasileiros de Filosofia, 1)
- POUND, Ezra. *Cantares*. (tradução conjunta de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos). Rio de Janeiro: Ministério Educação e Cultura, 1960.
- \_\_\_\_\_. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica* (1958) 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- RODRIGUES, Henrique Estrada. Cláudio Manuel da Costa e o caráter da história, *Revista Maracanan*, v. 8, n.8, 2012, p.59-82.
- ROHDEN, Valério. "Aparências Estéticas não Enganam: Sobre a Relação entre Juízo de Gosto e Conhecimento em Kant", in: Rodrigo Duarte (org.). *Belo, sublime e Kant*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale Quanto Pesa: Ensaio sobre Questões Político-Culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, José Henrique. "O Lugar da Crítica da Faculdade de Juízo na Crítica de Kant". In: DUARTE, Rodrigo (org.). *Belo, sublime e Kant*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de Método*. (Os Pensadores) 3ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

- \_\_\_\_\_. *Que é a literatura?* 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia Ingênua e Sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Educação Estética do Homem: Numa Série de Cartas*. Trad. Roberto Schwarz; Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Kallias ou Sobre a Beleza: A Correspondência entre Schiller e Körner, Janeiro-Fevereiro de 1793*. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Estética e Liberdade*. Trad. Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2009.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latinoamericanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2 ed. rev. e ampl., São Paulo, Edusp, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Ler o Livro do Mundo: Walter Benjamin, Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo, Iluminuras, 1999.
- SISCAR, Marcos. “A Cisma da Poesia Brasileira”. *Sibila Revista de Poesia e Cultura*, Ateliê Editorial - São Paulo, v. 8-9, p. 41-60, 2005.
- \_\_\_\_\_. “A alavanca da crise: a poesia pós-utópica de Haroldo de Campos”. *Remate de Males*, v. 34/1, p. 81-94, 2014.
- \_\_\_\_\_. “O Tombeau das Vanguardas: a ‘Pluralização das Poéticas Possíveis’ como Paradigma Crítico Contemporâneo”. *Alea: Estudos Neolatinos (Impresso)*, v. 16/2, p. 421-443, 2014.
- SILVA, Rogério Barbosa da. *O Lúcido Jogo do Revés: Metalinguagem Poética e Crítica Literária em Affonso Ávila*, Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 1997.
- \_\_\_\_\_. Poesia concreta: a crítica como problema, a poesia como desafio, *O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*. v. 22, n.2, 2013, p.121-134.
- \_\_\_\_\_. Duas poéticas, dois olhares sobre o barroco: Affonso Ávila e Haroldo de Campos, Belo Horizonte, *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, 1998-1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*. São Paulo, Livraria Martins, 1943.
- \_\_\_\_\_. “Estudo histórico-sociológico da cultura brasileira”. In: *Introdução aos problemas do Brasil*. ISEB: Rio de Janeiro, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Revolução Brasileira*. Livraria José Olympio: Rio de Janeiro, 1958.
- SOUSÂNDRADE, O Guesa. (org.) Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Ponteiro; São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2012.

- SOUZA, Thana Mara de. *Sartre e a literatura engajada*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SÜSSEKIND, Pedro. “O impulso lúdico: sobre a questão antropológica em Schiller”. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 10, p. 11-24, abr. 2011.
- STARLING, Heloisa. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SZONDI, Peter. Esperança no Passado – Sobre Walter Benjamin, *Artefilosofia*. UFOP/IFAC, n. 6, abril, 2009, p.13-25.
- TERRA, Ricardo (org.). *Dois Introduções à Crítica do Juízo*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- VICO, Giambattista. *Ciência Nova*. Trad. Vilma de Katinszky. São Paulo: Hucitec, 2010.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: A montanha, 1983.
- WERNECK, Humberto. *O Desatino da Rapaziada: Jornalistas e Escritores em Minas Gerais 1920-1970*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos Fundamentais da História da Arte*. Trad. João Azenha Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ZANINI, Walter. (cord). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

## 6. Anexos

Belém, 13/5/68

Meu caro Affonso:

Feço desculpas pelo silêncio, que não se ergueu como um muro, mas que foi causado por uma boa intenção. Queri escrever-lhe quando pudesse juntar à carta o artigo que decidi escrever sobre os Resíduos. Minha te do seu justo protesto, vai por ora sómente esta carta para dizer-lhe da minha admiração, do meu entusiasmo pelo seu estupendo ensaio. É uma interpretação séria e certa, meditada, clara - barroca na profusão dos elementos informativos e clássica na ordenação racional do assunto. Bela união de Hegel e Descartes, da razão positiva com a razão dialética.

Como vê, o seu livro, em vez de extraviar-se, como receia, acertou no alvo. Ruy Barata, a quem mostrei a obra, pede-lhe um exemplar.

Assim quebro de uma assentada vários silêncios pelo caso conjugados. O silêncio para Laís, a quem agradeço o estimulante comentário ao meu introdução à filosofia da ~~arte~~ arte; o silêncio de encontro a pedra, quantas Pedras, quantos Pedros na poesia moderna brasileira! ) mineirada e mística, de mineirável alma, roseana e cabralina, como a pedra filosófica, que também era brilhante e faiscante, que também é opaca e escura na pedagogia do Nordeste ressequido, para de novo esbranquiçar-se nesse sobrado diamantino .... Itaverava, Diamantina, Curral dos Pobres, peças permutáveis de um mesmo mundo sólido, com resíduos barrocos que não são propriamente resíduos, mas essências perduráveis. Coube ao poeta desincorporar isso tudo.

Maria Sylvia, que está doente, deve operar-se por estas dias. Ela sofre de uma amigdalite crônica, com reflexos alérgicos.

Nosso projeto de viagem à Europa depende de uma bolsa que solicitei à Universidade do Pará e que ainda não me foi concedida. Se tudo correr bem, espero recebê-la em junho ou julho.

Escrevo, no momento, um novo livro : Antropofagia e Utopia. É uma análise interpretativa das ideias filosóficas de Oswald de Andrade. Tenho prontos oito capítulos e chegará a doze ou treze. Será possível desencavar nas livrarias e sebos daí o Ponta de Lança (artigos) e A Arcádia e a Inconfidência (tese) do irrequieto autor de Serafim Ponte Grande:

Seu muito amigo,

Benedito Nunes

*P.S. Aguardo de ter mais notícias a José Cabral e meu pensamento de poema*

Figura 1 – carta de Benedito Nunes a Affonso Ávila, Belém 13 de maio de 1968. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Série correspondências, Pasta Benedito Nunes.

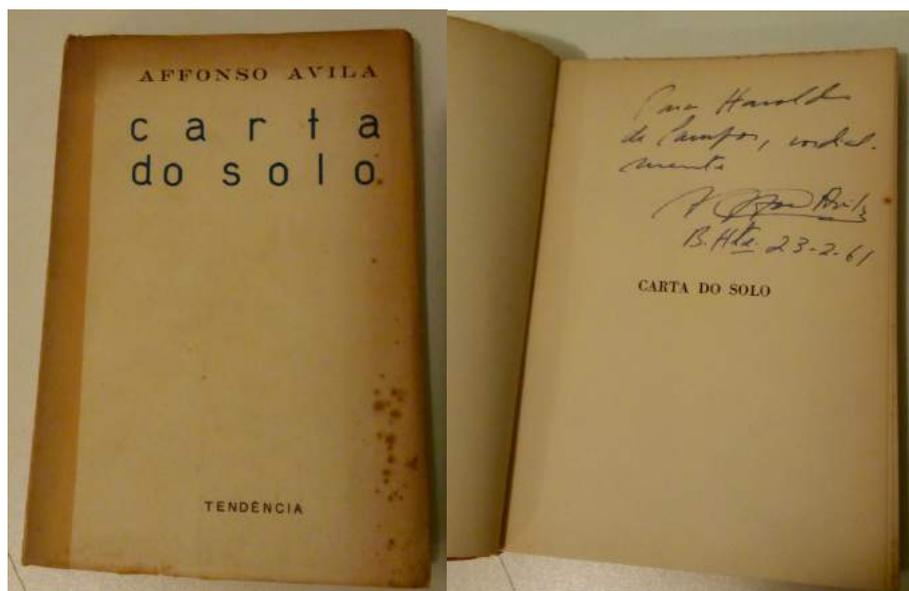


Figura 2 – capa do livro *Carta do Solo* (1961) com dedicatória para Haroldo de Campos. Casa das Rosa, Centro de Referência Haroldo de Campos, Coleção Bibliográfica.

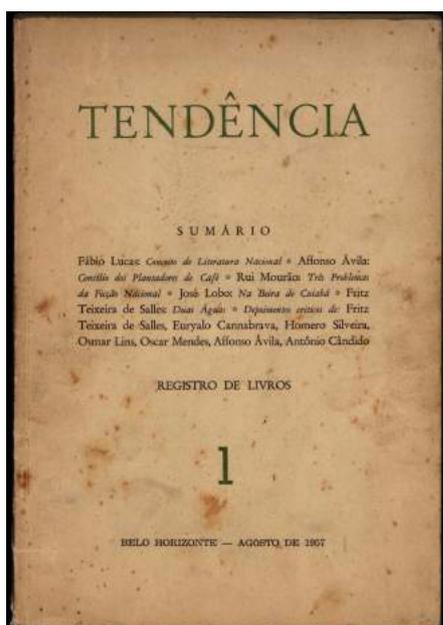


Figura 3 – *Tendência 1* (agosto de 1957) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

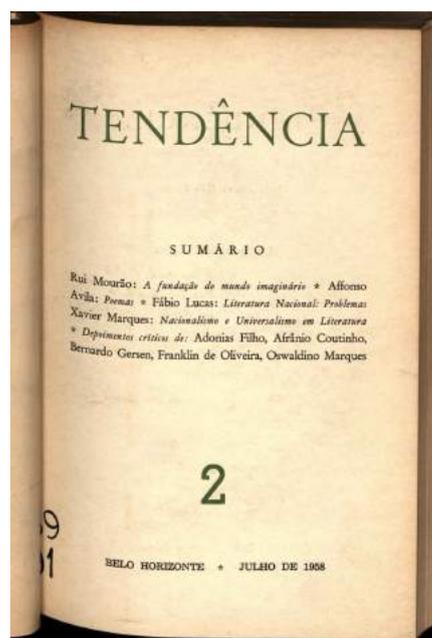


Figura 4 – *Tendência 2* (julho de 1958) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

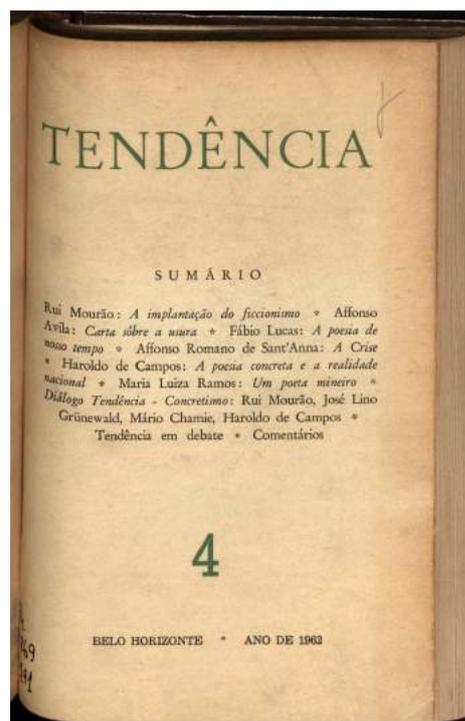
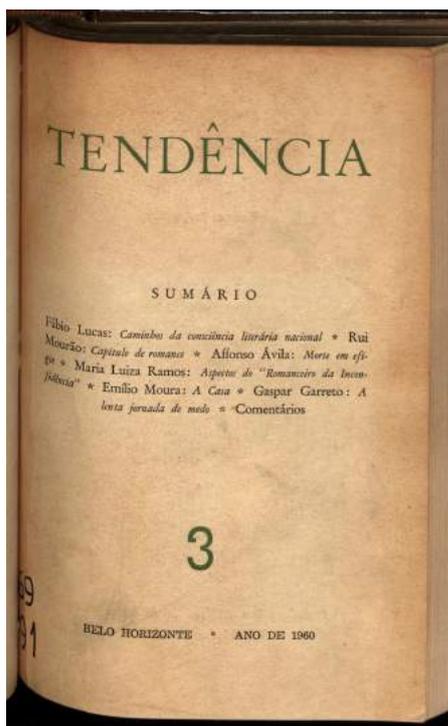


Figura 5 – *Tendência 3* (1960) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Figura 6 – *Tendência 4* (1962) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

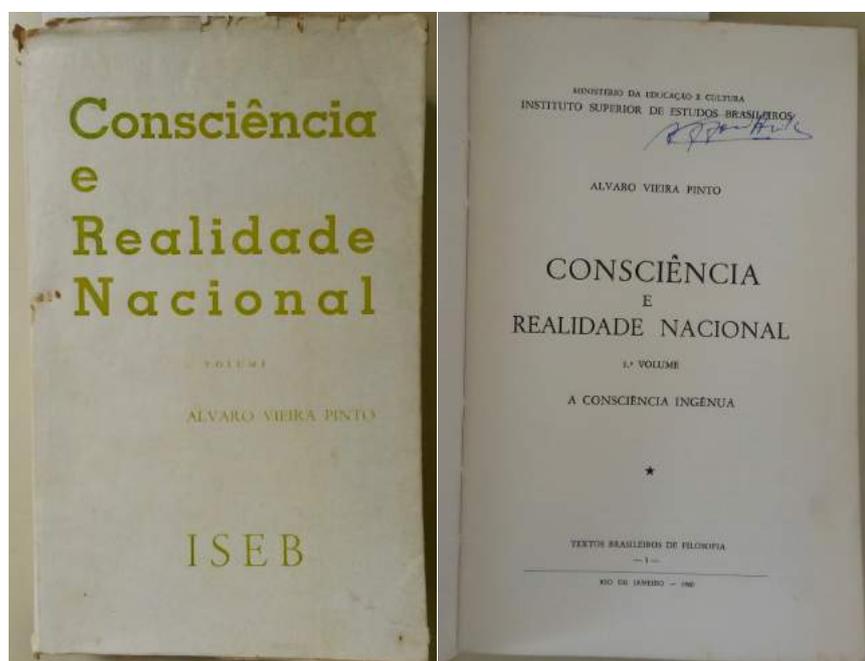


Figura 7 – capa do livro particular de Affonso Ávila do filósofo Álvaro Vieira Pinto *Consciência e realidade nacional. A Consciência Ingênua*, Vol. 1 (1960) – com a assinatura de AA. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

sociedade expressão do modo de sentir a realidade por parte de quem a percebe de dentro de um dos lados da contradição principal. No caso, a sociedade brasileira figura como uma unidade, como ente, dêsse ponto-de-vista, sem divisões internas. O subdesenvolvimento é uma contradição histórica; a marcha do processo universal faz-se na direção que tende a aboli-lo. Mas, enquanto o país se encontra em luta para suprimi-lo, apresenta-se como a contradição suprema, aquela que afeta todos os aspectos da realidade nacional e, por conseguinte, constitui a base objetiva da consciência que o país toma dêle próprio. Se entendermos por ideologia a compreensão que o país tem de si mesmo, e que se manifesta não só nos enunciados explícitos que profere a respeito do seu estado, mas ainda em tôdas as criações intelectuais que, provindo daquela consciência, não podem deixar de estar marcadas por essa mesma compreensão, vemos claramente que a representação que o país subdesenvolvido faz de si próprio forma base suficientemente homogênea e unificada para dar origem à ideologia nacional do desenvolvimento, como projeto da nação tôda, ao se perceber submetida a uma contradição que a oprime e que deseja destruir.

As idéias aqui expendidas sôbre as contradições principal e secundárias servirão para definir o conceito de revolução e esclarecer o equívoco da chamada "ideologia global". Veja-se a êste propósito as considerações contidas na conclusão do presente ensaio.

c) *Os fatores ideológicos na condução e avaliação do desenvolvimento*

A concepção aqui exposta retrata uma situação de fato. Sua verdade só será posta em dúvida por quem admitir como ponto de partida que a contradição principal é e só pode ser a contradição de classe, ou tende imediatamente a se resolver nesta. Recearão, talvez, os defensores dêste modo de ver que a concepção aqui apresentada venha a mascarar a luta real entre as classes e a constituir, portanto, um artifício, ainda que de boa-fé, de ocultação dos verdadeiros interesses em choque. Parece-nos não proceder esta crítica, em face do próprio caráter dialético da transmutação das contradições principais. Se, para nós, neste momento, o subdesenvolvimento é a contradição principal, a ideologia que sôbre êle se funda é, só por isso, autêntica, seja qual fôr a classe que, no momento, esteja à frente do processo do desenvolvimento. Não há possibilidade de dissimular ou des-

Figura 8 – grifos de Affonso Ávila em *Consciência e realidade nacional*, Vol. 1, p. 37. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

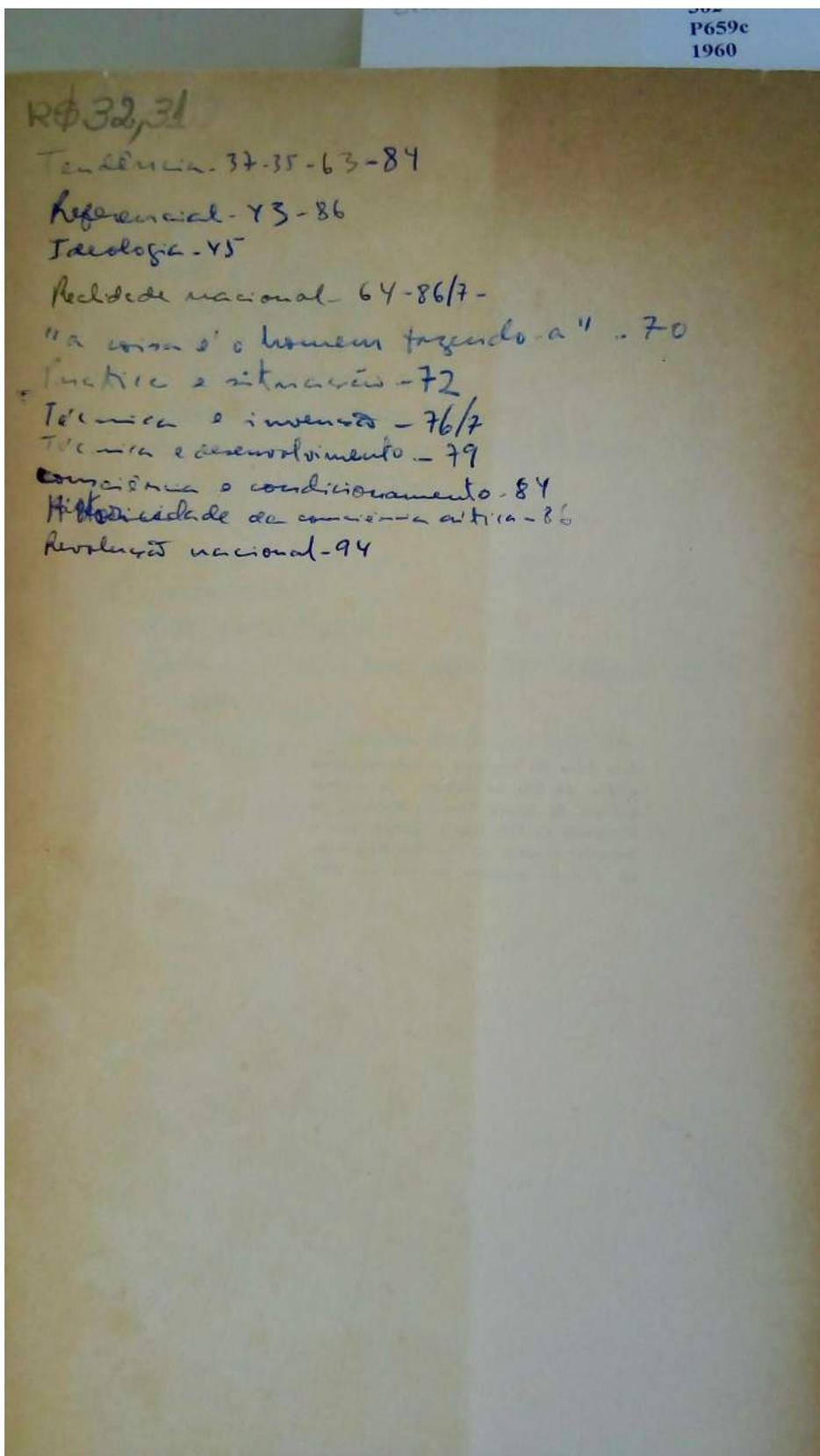


Figura 9 – índice do fichamento de Affonso Ávila na última página de *Consciência e realidade nacional*, Vol. 1. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

produção de idéias, pela atuação administrativa, pelo cuidado com a segurança coletiva, as quais, sem serem propriamente produtoras de objetos, são contudo formas de operação sobre a realidade, no plano social.

d) *Trabalho e filosofia no país subdesenvolvido*

A apologia do trabalho não é feita aqui apenas como dissertação filosófica. Move-nos o intuito de assinalar um aspecto essencial para nós, decorrente destas reflexões. Referimo-nos à relação desta doutrina com o pensamento e a cultura do país subdesenvolvido. Estamos certos de ser esta a concepção epistemológica conveniente ao país que se dispõe a mudar a sua estrutura e percebe que, para isso, precisa de uma ideologia. Um país não possui o grau de consciência que exhibe, não cultiva preponderantemente determinada concepção filosófica, não adere a uma teoria política, não desenvolve particular estilo artístico, por virtude do acaso. Todas as manifestações espirituais que em conjunto formam a sua cultura encontram motivação em condições objetivas de sua existência, quer as do momento presente, quer as que vigoraram no passado, e continuam, por inércia social, a produzir efeitos. É lícito, portanto, e não deve ser considerado fútil ou ridículo, discutir o problema da conveniência dos sistemas filosóficos em relação às fases de desenvolvimento atravessadas pela comunidade nacional, procurando descobrir qual o que melhor responde às exigências de certa fase do processo objetivo do país, não só por trazer as idéias diretrizes mais adequadas a compor a representação do que se passa na realidade, quanto por constituir-se em origem de normas fecundas para as operações práticas.

A ideologia de que necessita a sociedade subdesenvolvida só será transformadora se fôr autêntica, e só será tal se surgir de uma consciência que represente veridicamente o real; esta, por sua vez, só terá essa qualidade se tiver sido configurada na prática, a qual, como sabemos, se define fundamentalmente como trabalho. Por conseguinte, conclui-se que somente o trabalho gera a consciência capaz de elaborar a ideologia do desenvolvimento nacional. A filosofia que importa cultivar é portanto esta, a que valoriza em grau supremo o esforço criador humano, o trabalho, como fator de modificação do mundo. Esta, a filosofia que nos convém. A que sabe não haver mistérios insondáveis, não ser deles que nos devemos ocupar, quando a nossa condição de país subdesenvolvido nos impõe obrigações ingentes, de caráter ainda elementar,

Figura 10 – grifos de Affonso Ávila em *Consciência e realidade nacional*, Vol. 1, p. 63. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

dada a etapa de dependência econômica em que o País vivia, compreenderemos que só agora, quando ingressamos na fase de intenso desenvolvimento, estamos em condições de proferir de modo consciente, e em forma crítica, aquilo que antes desejávamos fazer,—expressar o nosso próprio ser,—mas objetivamente não conseguíamos, porque não dispunhamos de condições para criar instrumentos intelectuais autônomos que nos permitissem interpretar a nossa realidade. Somente agora se abre para a cultura brasileira uma era de existência original, onde a produção cultural começa a ser feita para satisfazer à exigência de expressão para nós. Existir para nós, exprimindo o nosso próprio ser, tal é o fim da nova cultura, que o desenvolvimento propiciará.

A sociedade que se engrandece intensifica suas necessidades culturais, não só quantitativamente, porque cada vez maior número de indivíduos se alçam ao plano do espírito, mas também qualitativamente, porque se descortinam novos aspectos da realidade que sugerem idéias, emoções e projetos, cuja tradução se faz pela mão da arte ou que exigem o trabalho interpretativo da inteligência. A sociedade em crescimento mostra-se ávida de cultura, a qual, nos primeiros momentos, vai buscar fora de si, em outros espaços culturais, até que, com o progresso dos seus suportes, a consegue criar dentro de si mesma. É inevitável que se constituam diferentes estilos artísticos, inéditos modos de pensar, linguagem própria, criações arquitetônicas, pictóricas e cinematográficas de caráter novo e original, na sociedade que rompe o cêrculo histórico. A conquista de um destino livre representa, por si, feito de tal magnitude, pelo que custou de trabalho, luta e fé, que se oferece como manancial de infinitas criações culturais. Para a nação em fase de eclosão de suas potências criadoras, ver-se a si mesma como o ser que se fez o que agora é, constitui "motivo" artístico inesgotável. A cópia de sentimentos que sugere é inédita, não se compara em nada ao que experimentava quando se entregava aos motivos alheios. O romancista que concebe os acontecimentos da vida de um personagem imaginário no âmbito do novo país surgido com o desenvolvimento está utilizando um espaço inexplorado e se desligando dos modelos recebidos. O mesmo se dá com qualquer forma de arte sensível às novas condições de existência do povo. Ficarão como prova de alienação e arcaísmo o culto dos valores estéticos anteriores, os que pertenceram a artistas que, na falta de intensa motivação nacional, autêntica e superior, ou se apegavam ao folclórico, ao colorido dos aspectos elementares da vida po-

Figura 11 – grifos de Affonso Ávila em *Consciência e realidade nacional*, Vol. 2, p. 505. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

a si própria por êsse ato. Só assim, ao perceber, é representação subjetiva de alguma coisa objetiva.

A subjetividade é, pois, um caráter legítimo que devemos reconhecer, com a condição de não fazer dela a realidade em si. Temos de entendê-la como modo de ação, específico do existir humano, pelo qual êste se constitui em foco de representações, que se opõe com caráter de polaridade à coisa representada, ligando-se a ela por estruturas relacionais diversas, que, em conjunto, os filósofos da corrente fenomenológica chamam de "intencionalidade". É na relação de conhecimento que o sujeito se vai criando, em face da realidade que preexiste a êle. Contudo, a subjetividade não se define por um único modo de captação do real, mas admite não só variedades distintas de relação com o real, como igualmente número indefinido de graus de claridade perceptiva no ato da representação, em resposta à afecção que sofre por parte do objeto, segundo a capacidade de reação com que elabora o conhecimento das coisas.

A consciência se define pela subjetividade, e é portanto o que determina o sujeito enquanto tal. Mas, ao mesmo tempo, sendo por natureza intencional, só existe no modo de ser referencial, enquanto "tendida" para alguma coisa que não é ela, e sôbre a qual exerce o poder de percepção. Na maneira como fazemos estas considerações, tomando o problema da consciência em tôda a generalidade, aquilo para que tende a consciência é a realidade em conjunto; mas, em razão do objetivo particular a que nos dirigimos, desejamos restringir a análise ao campo especial que nos interessa, a realidade considerada apenas enquanto espaço social histórico de uma comunidade. No entanto, dessas considerações colhemos um dado que nos será de imediata utilidade no esclarecimento do nosso tema próprio. Informados agora dêste caráter essencial da consciência, a sua intencionalidade, ficamos compreendendo que não nos será lícito desprezá-lo no estudo dos seus comportamentos, ainda que só tenhamos em vista um objeto limitado, o real da nação. Tal caráter, sendo constitutivo do ser da consciência, deve espelhar-se em todos os seus modos de ser em face do estado social; deve haver, portanto, modalidades de intencionalidade, segundo as quais se configurarão os diferentes comportamentos do sujeito, em presença daquilo que representa a si como sendo a realidade nacional, ou seja, deve haver formas ingênuas e críticas de intencionalidade.

A compreensão da intencionalidade permite-nos agora estabelecer a correlação da consciência à realidade como con-

Figura 12 – grifos de Affonso Ávila em *Consciência e realidade nacional*, Vol. 1, p. 43. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

como um todo. Não julgando, como a outra, ter a incumbência de tomar a si o real, a fim de decidir do que é ou não é, esta forma de consciência, desde o primeiro momento em que põe o problema do seu ser, tem a certeza de sua correlação com a objetividade, sendo constituída, enquanto representação, pelo mundo objetivo. Ora, a realidade que lhe aparece como a condicionando, é apreendida como permanente mobilidade de coisas, pessoas, fatos, instituições, valores etc., isto é, enquanto processo que se desenrola no tempo, ou ainda, enquanto história.

Por conseguinte, a consciência que se investiga a si mesma terá como núcleo de tôdas as suas estruturas e reações esta propriedade: a de ser uma consciência histórica. Veremos, em continuação, como tudo que a especifica se organiza em tôrno desta autopercepção fundamental: a de que seu ser é histórico, sua representação é condicionada por uma circunstância objetiva constituída pela forma do real, enquanto presente de um tempo histórico, e, portanto, seus enunciados não possuem a vigência de verdades perenes, mas refletem o momento que lhe dá origem. Ao procurar tomar conhecimento dos fatores que a determinam, com o mesmo esforço que faz para descobri-los, descobre algo mais: a historicidade dêsse condicionamento. Por isso, seu modo de compreender está sempre sujeito ao pressuposto de uma referência temporal; o real, que é o seu objeto, não lhe aparece como coisa "que está aí", imóvel e idêntico a si mesmo, quer ela o venha a apreender, quer não, porém como circunstância objetiva que a envolve a ponto de constituí-la e de nela imprimir a marca indelével da temporalidade que lhe é própria. A consciência crítica pensa temporalmente, porque sabe não estar pensando a partir de um vácuo histórico e sim fundada em um contexto concreto, etapa presente de um processo autônomo que transmite à representação que dêle tem a qualidade de de continua variação.

Este caráter acentua-se vigorosamente no domínio mais restrito da consciência, aqui analisado, qual seja o da realidade enquanto âmbito nacional de acontecimentos sociais. Aqui a certeza de radical temporalidade se revela de modo decisivo para quem assume o pensar crítico. Em face da realidade da nação, a consciência crítica adota o modo de pensar histórico com muito mais espontaneidade do que seria o caso se discutisse o problema filosófico da realidade em geral. A sociedade, que forma o contôrno onde vive, é inevitavelmente produto da acumulação temporal de transforma-

Figura 13 – grifos de Affonso Ávila em *Consciência e realidade nacional*, Vol. 1, p. 86. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Livros.

## DO POEMA EM BUSCA DE PARTICIPAÇÃO

Luiz Costa Lima

Para os críticos de uma literatura como a brasileira em que os escritores ou estiveram desinteressados dos problemas comunitários ou delestravam apenas retoricamente (a guerra do Paraguai, a abolição da escravatura) surge um problema recente: o do significado do poema participante. Em que medida pode um poema ser participante? E, anteriormente, em que terreno tem sentido a participação poética? Estas questões crescem de gravidade na medida em que os escritores nacionais tornam-se sensíveis ~~para~~ às contradições fundamentais do país e buscam participar da luta pelo seu ultrapasado, sem que, por outro lado, a crítica nacional esteja se mostrando capaz de orientar ou de conseguir comunicar uma orientação para esta busca. Assim é que as raras tentativas de teorizar a situação de uma literatura de preocupações sociais emergentes não alcançaram o nível necessário de discussão. Praticamente nenhuma reação adveio por exemplo das comunicações de Décio Pignatari e de Cassiano Ricardo ao Congresso de Crítica de Assis, quando elas seriam umas das raras brechas para a formulação do problema. Talvez que esta falta de discussão decorra <sup>Talvez</sup> da falta de interesse <sup>da maioria</sup> dos periódicos, em sua maioria, pelos assuntos estritamente culturais, o que os leva a muitas vezes entregarem suas curtas colunas literárias a poetas ou a jornalistas inadaptados em outras seções ou mesmo pela falta de interesse coletivo no problema. Por isso ou por aquilo o fato é que as citadas comunicações não repercutiram, nem sequer para que fossem negadas! E o que sucedeu a elas é bem provável que já tenha sucedido ou esteja sucedendo a outras, pois a vastidão do país e o isolamento em que o intelectual brasileiro vive não nos poderia assegurar o contrário. Deste modo, se a crítica nacional ou se demite de ver o que se passa em torno de si ou não consegue ser suficientemente ouvida quando fala, a consequência inevitável será a desorientação ainda maior das direções novas. E a possibilidade de se confundir ~~em~~ cada vez mais soluções ideológicas com soluções estéticas. Pois o que não parece provável é que o autor brasileiro volte <sup>se</sup> a poder ~~se~~ trancar ~~se~~ na poltrona da irresponsabilidade, quando o processo de auto-consciência nacional que o fez despertar tem um caráter de irreversibilidade.

Estas reflexões surgem a propósito de Carta do Solo do poeta mineiro Afonso Ávila (Brasil Horizontal 1961). Não é que a obra se pretenda mostrar unitariamente como uma soma de poemas partici-

Figura 14 – original datilografado do artigo “Poema em busca de participação” de Luiz Costa Lima, publicado no Jornal do Comércio, Recife, 7 de outubro de 1962, 2º Caderno, p. 1. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Série Correspondências, pasta Luiz Costa Lima, Recife, 17 de setembro de 1962, 1f, com ensaio em anexo, 5f.

AA

Petrópolis, 5/2/65

Meu caro Afonso

Muito obrigado pela carta e a cópia do poema que me manda. Neste tempo de exílio em que vivo a única forma de resistência à mediocridade e ao desespero são as cartas dos amigos. Ao menos nisto os acontecimentos que sofremos são positivos. Purificamos as nossas amizades do que era falso e interessado. Lembro-me mesmo, divertido, do telegrama que certo poeta do Recife lhe passara reclamando da sua (dêle) ausência na Semana de Vanguarda, porque, quem estaria representando o Recife, não seria o legítimo porta-voz, etc,etc. Lembra-se? Pois foi este senhor um dos primeiros a aderir, enquanto os "reacionários e acomodados" como eu eram presos e demitidos! A história é muito engraçada nas suas voltas. Mas vamos ao que nos interessa.

Acho, em primeiro lugar, os seus poemas muito bons e superiores aos do livro. Há uma permeabilidade concreta que tenho a impressão inexistir naquele anterior. Espero que v. consiga uma maneira de publicar tudo o de novo que vem fazendo e a que se refere na carta. Mas eu mesmo não como isso será possível. Creio que piores tempos nos esperam e não será por algum milagre ou reação improvável que a situação se modificará. Como poderá haver eleições se a revolução, como percebem os seus porta-vozes, teme um fracasso redondo nas urnas? O que aí está ensina muitíssimo melhor do que se poderia ter dito por palavras. Se existiam subversivos, estes não valiam nada em relação aos que estão no poder: estes sim ensinam ao povo o que é o anti-povo e o anti-Brasil. Neste entretanto, porém, haverá de sofrer e amargar. Não seremos partes de uma geração que apenas pôde indicar diretrizes que só outros depois de nós poderão testar ou cumprir? Trabalho hoje dentro desta perspectiva.

Sofro com as golpes e as incompreensões. não as de

Figura 15 – carta de Luiz Costa Lima a Affonso Ávila, Petrópolis, 5 de fevereiro de 1965, 2f. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Série Correspondências, Pasta Luiz Costa Lima. Costa Lima.

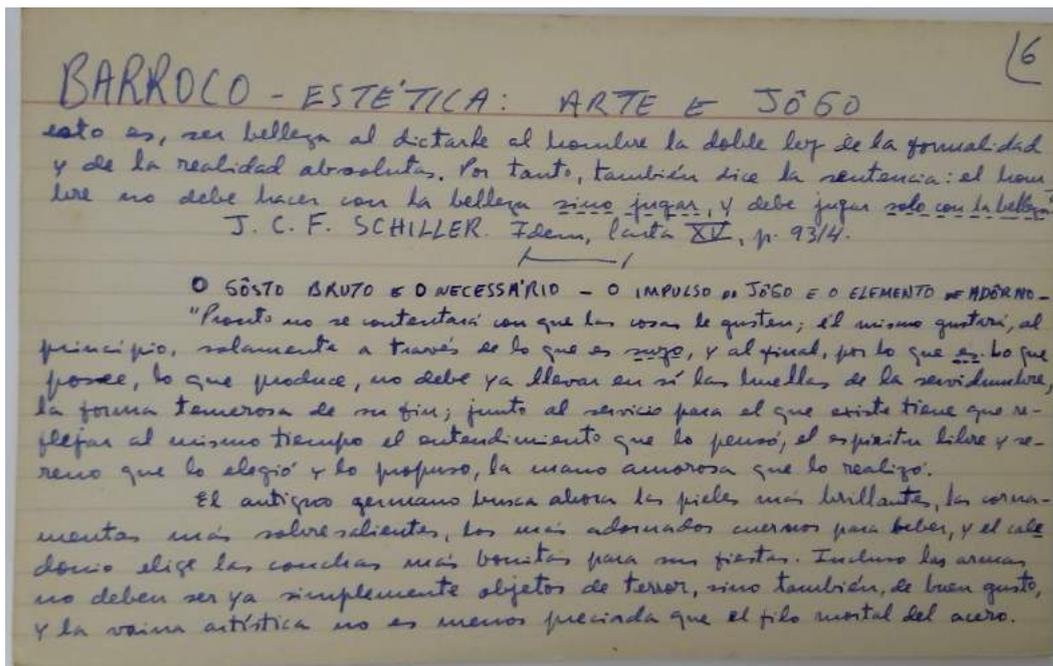


Figura 16 – Ficha de leitura – Schiller. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Textos sobre o Barroco.

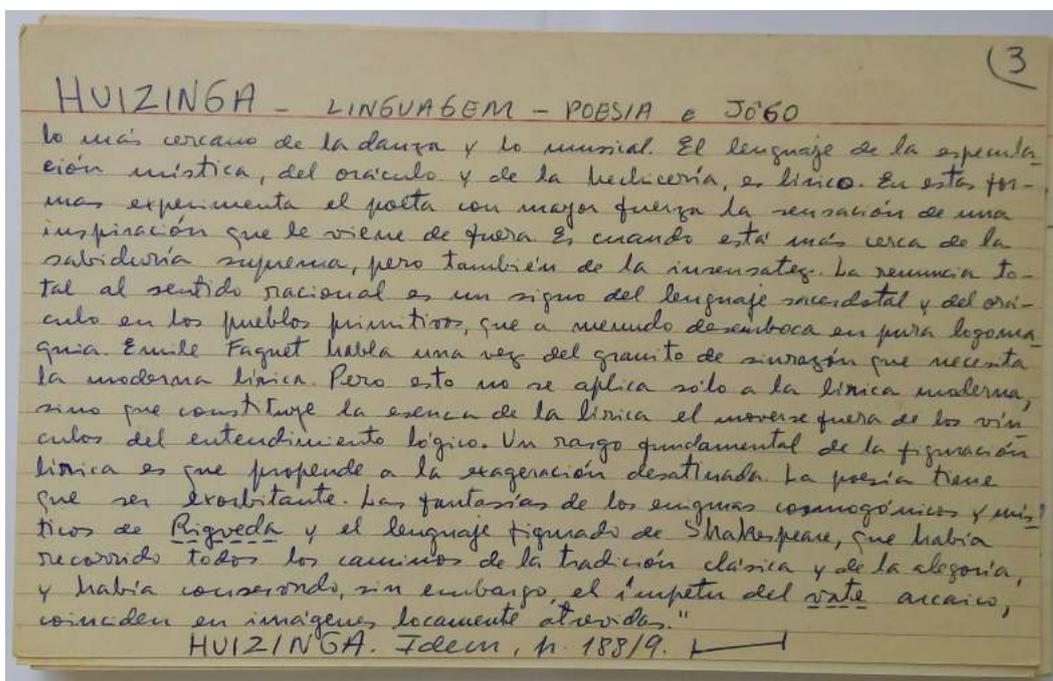


Figura 17 – Ficha de leitura – Huizinga. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Textos sobre o Barroco.

## General faz questão de ouvir mortos

Dois mortos, o operário Antônio Liberato da Silva e o fotógrafo Geraldo Rodrigues de Queiroz, foram intimados pelo general Carlos Luiz Guedes, comandante da 4.ª Região Militar e da 4.ª DI, a comparecer ao quartel do 12.º RI, em Belo Horizonte, pois são acusados de "atividades subversivas". Pelo edital de citação, publicado no matutino "Estado de Minas", no último dia 11, os mortos terão três dias para se apresentar, "sob pena de não o fazendo, serem processados à revelia".

O edital foi publicado, "na forma da Lei", precisamente, "para que ninguém possa alegar ignorância", e, ao que se informa, o general Guedes parece determinado a fazer-se obedecido, de qualquer maneira.

Figura 18 – "General faz questão de ouvir mortos" *Correio da Manhã*, 18 de junho de 1964.